
A essência do humano: identidade, memória, testemunho e trauma na obra *É isto um homem?*, de Primo Lévi

The essence of the human: identity, memory, testimony and trauma in the work “Is this a man?” from Primo Lévi

Cássio Michel dos Santos Camargo¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo: Este artigo tem como objetivo, a partir da análise da obra *É isto um homem?* de Primo Lévi, estabelecer ligação entre os conceitos de memória e identidade, destacando como lógica interna do campo de Auschwitz a impossibilidade de manutenção da identidade individual. Assim, desejamos demonstrar como a “vivência irracional” dentro dos campos de concentração constitui uma memória traumática para Primo Lévi. Para analisar os escritos desse autor, optamos por trabalhar com os seguintes autores referenciais: Halbwachs e Catroga no contexto da constituição e usos da memória; M. Pollack para as questões da identidade; Paul Ricoeur no tocante ao trabalho de luto e perdão; Zygmunt Bauman nos aspectos sobre o holocausto; Hannah Arendt sobre a violência e seus aspectos coercivos e Eric Hobsbawm, em um contexto histórico da Segunda Guerra.

Palavras-chave: Identidade. Memória. Memória traumática.

Abstract: This article aims at analyzing the work “Is This a man?” by Primo Levi, establish links between the concepts of memory and identity, highlighting how the internal logic of Auschwitz the impossibility of maintaining individual identity. Tries to demonstrate how the “experience unreasonable” within the camps is a traumatic memory from the analysis of the testimony of Levi, the work of the authors references in thematic collective memory and individual identity and traumatic memory. Among those used Halbwachs Catroga and in the context of the constitution and uses of memory; M. Pollack to issues of identity; Paul Ricoeur regarding the work of mourning and forgiveness, Bauman Zygmunt aspects about the Holocaust, H. Arendt on Violence and coercive aspects and Eric Hobsbawm, in a historical context of World War II.

Keywords: Identity. Memory. Memory traumatic.

Introdução

O presente texto tem como proposta abordar, de forma sistemática e analítica, a obra *É isto um homem* de Primo Lévi para compreender as marcas memoriais vividas dentro dos campos de concentração expressas nessa obra. Para realizar a análise dessa obra literária como documento histórico, selecionamos os conceitos de memória, identidade e trauma que

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (UFRGS).ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9336-5564>. E-mail: cassiomichel@yahoo.com.br



estão presentes no testemunho de Primo Lévi. Ainda, objetivamos contextualizar os aspectos demonstrados nos testemunhos do autor com textos teóricos de Arendt, Bauman, Hobsbawn, Ricouer, dentre outros. Para realizar tal abordagem, utilizamos a análise documental e bibliográfica, destacando a presença dos conceitos ligados à memória.

Com esse objetivo, adotamos a compreensão de pesquisa documental de Gil (2008) e tal proposta de produção intelectual decorre da análise de “[...] materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 45). Nessa perspectiva, os documentos passam pela operação historiográfica (CERTEAU, 1982), na qual são elaboradas e construídas questões e revisões de cunho bibliográfico que visam à contextualização histórica e sociocultural. Esse processo de pesquisa possibilita encontros e intersecções entre os documentos pesquisados e os referenciais bibliográficos. (GIL, 2008). Na pesquisa documental, o *corpus* documental é transposto em documento pelo trabalho do historiador, e essa ação se transpõe em um mecanismo de ingresso no âmago do estudo das sociedades e das suas condutas no tempo. Os documentos sempre impõem ausências/presenças e essas são usadas para construir interpretações históricas sobre determinados acontecimentos. Segundo Carr, “a história preocupa-se com a relação entre o particular e o geral. Desta forma, o historiador não pode separá-los ou dar precedência a um sobre o outro, da mesma maneira como não se pode separar o fato da interpretação” (CARR, 2002, p.100). A presente pesquisa ressalta determinadas percepções e constatações acerca da memória vividas dentro dos campos de concentração e deixadas como testemunho pelo autor italiano Primo Lévi na sua obra *É isto um homem?* (1988).

Com isso, seguindo a proposta analítica de Gil (2002), elaboramos o presente artigo que, na primeira parte, traz uma contextualização sobre a emergência do relato testemunhal no cenário contemporâneo; na segunda parte, expõe os processos históricos que levaram o autor Primo Lévi ao Campo de Concentração de Auschwitz – Bikernau e, na terceira, adota o questionamento realizado pelo autor sobre a si próprio e talvez sobre os seus companheiros, “É isto um homem?” como problemática analítica. Para dar uma resposta a esta pergunta de pesquisa, utilizamos compreensões sobre os conceitos de Identidade, Memória e Trauma que foram correlacionados ao texto. O fechamento deste artigo concentra-se no esforço de estabelecer a relação entre o trabalho/extermínio e o escrito testemunhal como forma de lidar com o trauma.

1 Primo Lévi e a era do testemunho

O autor italiano Primo Lévi foi um dos primeiros sobreviventes do Holocausto a relatar o período de experiência traumática vivido em Auschwitz: a publicação da primeira edição do livro *É isto um Homem?* ocorreu na Itália, em 1947 e depois dele muitos outros escritos testemunhais ganharam espaço no meio literário². Entretanto, o reconhecimento da obra aqui analisada só ocorreu em 1958, quando a editora Einaudi realizou uma nova edição. Nos anos seguintes a essa reedição, ocorre o processo de ascensão dos relatos testemunhais au-

² Podemos citar Elie Wiesel, Jack Fuchs, Viktor. E. Frankl, Nerin. E. Gun, Miklos Nyszli, Robert Antelme, Eva Schloss dentre outros autores.

tobiográficos ligados ao Holocausto. A imersão dessa temática no debate público deve-se ao Julgamento de Adolf Eichmann³, que ocorreu em 1964, em Jerusalém.

O julgamento de um dos executores, responsáveis pela política de extermínio do governo nazista, deu visibilidade ao testemunho dos sobreviventes e reacendeu o debate sobre os limites da ética e do conceito de humanidade. Nesse sentido, o julgamento de Eichmann é exemplar para pensarmos os limites éticos e morais. Eichmann afirmava que suas ações foram guiadas pela ordem institucional vigente; nas suas palavras: “era assim que as coisas eram, essa era a nova lei da terra, baseada nas ordens do Führer”. (ARENDR, 1999, p. 152). Durante todo o seu julgamento, Eichmann demonstrava consciência e autonomia na realização das suas ações, mas não assumia a culpa pelos seus atos. Para ele, suas ações foram feitas dentro da lei (ARENDR, 1999). Aparentemente, a empatia com próximo parecia inexistir.

Nos anos posteriores ao julgamento de Eichmann e da sua execução em 1964, ocorre a emergência do testemunho dos sobreviventes como uma potente forma de atingir e compreender a magnitude dos fatos ocorridos dentro dos campos de concentração. Tal período inaugurou o que a historiadora francesa Annette Wieviorka (1998) denomina de “Era do Testemunho”. Na concepção dessa autora, os testemunhos dos sobreviventes representam a melhor possibilidade de rememorar e reconstituir os acontecimentos e a memória de Auschwitz, tendo em vista que boa parte dos documentos que estavam nos campos de concentração havia sido destruída antes da ocupação pelas forças aliadas. Wieviorka afirma que existiram três fases: a primeira fase é marcada pela ausência da escuta; a segunda, representa a judicialização da memória, sendo os testemunhos usados nos processos contra os nazistas que chegaram a ser julgados, transposto em prova, não em testemunho; e a última fase é atual na qual o testemunho tem relevância social vinculada aos processos relacionados à memória social. Assim, a memória do Holocausto tornou-se uma demanda social no século XX e adentrou o século XXI⁴. Nesse contexto, ocorreu a ampliação dos mecanismos de memória contemporânea por meio da mídia e da institucionalização da memória do Holocausto.

Assim, o testemunho toma o lugar do documento, entretanto tal condição demarca a ausência e a incapacidade de representar tais eventos, não só pela fragilidade do testemunho, mas também pela magnitude das narrativas das quais tais memórias representam. Segundo Selligman-Silva,

[...] testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho, enquanto que a narração testemunha uma falta, a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de cobrir o vivido “o real” com o verbal. Ao mesmo tempo, aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o indizível que a sustenta (2003, p. 49).

³ Um homem comum, de altura mediana, sem grandes capacidades intelectuais, simplesmente um burocrata que estava a serviço do Estado Nazista. Cabe lembrar que Adolf Eichmann foi capturado pela Mossad (serviço secreto israelense) na Argentina, em 1960.

⁴ Tal condição deve-se também à consolidação do tema do Holocausto através da transposição do mesmo em objeto midiático.

Assim, o campo ocupado pelo testemunho dentro das escritas autobiografias encontra-se na história e memória da perda e do luto e na incessante necessidade de contar para que tal mal não se repita.

1.2 *O que é um homem (?): a construção da identidade entre a memória individual e a coletiva*

Pensem se isto é um homem que trabalha no meio do barro, que não conhece paz, que luta por um pedaço de pão que morre por um sim ou não (LÈVI, 1988, p. 9).

É uma afirmação lógica que “todos os homens são seres humanos”. O autor Primo Lévi no livro *É isto um homem?* questiona essa afirmação. O que é ser um homem? Podemos afirmar que o homem é um ser racional. Tal ser após seu nascimento recebe um nome que foi dado pelos seus pais ou escolhido por alguém da sua família. Esse nome pode ser uma homenagem a algum familiar, a um artista ou uma pessoa que tenha tido importância para a pessoa que o batizou. Entretanto, o batismo sempre carregará uma história própria e única. Quando solteiro (a) e não possui filhos (as), tem como família seus pais, irmãos, tios e avós; sendo casado, ainda têm a sua mulher e os seus filhos. Fora desses laços familiares, ainda existem os seus amigos: de infância, de trabalho, dentre outros que ele tenha criado laços de afetividade. Além desses elementos, ele tem seus gostos, manias, pequenas coisas que o caracterizam como indivíduo, como um ser humano.

Em um âmbito jurídico, mais geral e simplificado, como cidadão tem seus direitos e deveres perante o Estado, possui uma nacionalidade referente ao lugar onde nasceu, ou ainda pode assumir a nacionalidade que mais se identifique. Pode ter uma fé própria (adquirida ao longo da vida) ou herdada da sua família, podendo até nem ter fé. Todos esses aspectos e tantos outros constituem a identidade individual de cada ser, que se define pela alteridade (o que eu sou, e o que não sou, o outro). Lévi, em um trecho do livro, fala das pequenas coisas que identificam um homem “mas que cada um reflita sobre o significado que se encerra mesmo em nossos pequenos hábitos de todos os dias, em todos os objetos nossos “[...] Essas coisas fazem parte de nós, são algo como os órgãos de nosso corpo [...]” (LÈVI, 1988, p. 25). Para definir da identidade individual devem-se buscar memórias individuais vividas na coletividade da família, ou em qualquer grupo da sociedade. Segundo Catroga, em seu livro *Memória, História e historiografia* (2001), as memórias individuais são construídas primeiramente por cargas de memórias herdadas pelo indivíduo que o definiram como ser pertencente a determinado grupo. As memórias individuais são formadas por recordações de momentos vividos em coletividade, interiorizados e reconstruídos pela narrativa do indivíduo. Nas palavras do autor:

A memória individual é formada pela coexistência tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido a incessante mudança do presente em passado e as consequentes alterações ocorridas no campo das representações do pretérito (CATROGA, 2001, p. 16).

A memória é um agente ativo na constituição da identidade que tem como principal característica ser multifacetada. Desta maneira, um indivíduo pode ter inúmeras cargas identitárias que são pertencentes aos grupos sociais com os quais ele interage. Logo, a identidade individual será resultado destas interações. As memórias destas interações sociais serão de extrema importância para que o indivíduo construa a sua própria identidade. Para Pollak:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (1992, p. 6).

Por apropriação, a memória coletiva é algo tão íntimo ao indivíduo quanto ao grupo. Inúmeras vezes os nuances entre a memória individual e as memórias coletivas tornam-se imperceptíveis e constituem uma parte ativa da identidade do indivíduo. Será que podemos definir o que vivemos? É possível separar o que sentimos do fato em si? Isto é impossível, pois nossas experiências são impregnadas de valor sentimental. A memória está intimamente ligada à emoção do momento que vivemos o fato, ou até mesmo à emoção da qual compartilhamos com o grupo. Assim, os sentimentos serão os responsáveis pelos valores maiores ou menores atribuídos a uma determinada memória, que facilitará ou dificultará o seu esquecimento, já que esquecimento é uma das principais características da memória. Quando se evoca uma memória, não lembramos os fatos na sua totalidade, mas sim do que reconstruímos. Esta reconstrução sempre ocorre no presente e logo está fadada aos sentimentos vivenciados no momento da sua rememoração.

Deve-se compreender que o resgate do passado não é uma tarefa do indivíduo, tendo em vista que ele nunca está sozinho. A memória sempre é constituída pela interação entre grupos sociais diversos. Segundo Catroga (2001, p. 21):

A formação do eu de cada indivíduo será, assim, inseparável da maneira como ele se relaciona com os valores da(s) sociedade(s) e grupo(s) em que se situa e do modo como, à luz do seu passado, organiza o seu percurso como projeto. Qual mónade⁵, ele é um microcosmo constituído pela síntese que resulta da mistura de várias influências exteriores.

O “projeto” descrito por Catroga refere-se à expectativa, uma projeção futura que o indivíduo desenvolve. Essa expectativa pode ser construída pelo indivíduo ou imposta pelo grupo social com quem ele vive de forma subjetiva ou objetiva. Ele utilizará as suas antigas experiências para a constituição de novas metas. Nos relatos traumáticos como de Primo Lévi, esta síntese não ocorre porque as experiências vivenciadas não se tornam lembranças e por isso não podem ser utilizadas nesta constituição, sendo assim, não há reinterpretação do passado a partir do presente. Estas experiências não se tornam lembranças: em primeiro momento

⁵ Termo utilizado amplamente pelo filósofo Leibniz, significando uma unidade própria separado do toda a parte, única. O mundo criado pelo indivíduo pela convivência coletiva, mas que se mantém interiorizado. Ver em LEIBNIZ, M. *Princípios da Filosofia*. Ed. Imprensa Nacional: RJ, s/d.

pela incapacidade do concentracionário de aceitar a realidade adversa em que se encontra, e em um segundo momento pela sua constituição como memória traumática.

2 Histórico do extermínio e sua relação com o trabalho irracional

Durante a Segunda Guerra Mundial, os campos de concentração foram utilizados pelo governo nazista para a “eliminação⁶” em massa dos grupos vistos como “pragas ou vermes” sociais que contaminavam a sociedade alemã. Tal questão não pode nos passar enquanto analisamos o texto de Primo Lévi na obra *É isto um Homem?*. Essas medidas de eliminação foram facilmente postas em prática pela inércia da população alemã, que no início também seria vítima desta prática⁷. Bauman descreve que a grande vocação dos governos da modernidade é a profissão de jardineiros do mundo, que assumem a responsabilidade pelo extermínio das ervas daninhas (1998). Quase uma visão bíblica, lembrando a parábola do Joio e do Trigo⁸. Cabe destacar que este processo levaria à purificação da raça alemã. Eric Hobsbawn trabalha com esta posição “facilitadora” tomada pela população frente às atitudes do governo nazista:

[...] embora os cidadãos comuns pudessem desaprovar as barbaridades mais brutais do sistema - os campos de concentração e a redução dos judeus alemães (que incluía aqueles com pelo menos um avô judeu) a uma segregada subclasse sem direitos-, um número surpreendente grande via tais brutalidades, na pior das hipóteses, como aberrações limitadas (HOBSBAWN, 1995, p. 151).

Apesar de a população judaica ser um agente ativo na sociedade alemã, esta se tornou alvo fácil para os ataques nazistas graças à difusão dos discursos antissemitas. Com isso, os grupos de oposição tanto judaicos como comunistas foram eliminados. Para Bauman (1998, p. 114): “O genocídio moderno é um elemento de meticulosa engenharia social, que visa a produzir uma ordem social conforme um projeto de sociedade perfeita”. O discurso usado pelo governo nazista seguiu esta lógica e usou a desculpa para expansão e ataque aos países vizinhos a necessidade de garantir o “espaço vital”⁹ para o desenvolvimento pleno da sociedade alemã. Os prisioneiros desta expansão levados aos campos de concentração eram vistos como inferiores e deveriam trabalhar em prol do avanço do III Reich. Para Vidal-Naquet (1987, p.167), os trabalhos feitos pelos prisioneiros eram na verdade o seu próprio extermínio, pois estes eram realizados a fim

⁶ A partir de algumas leituras realizadas vislumbro a possibilidade da utilização dos campos concentração como uma forma de exploração compulsória a fim de gerar algum lucro, do ponto de vista capitalista ao III Reich, apesar de aceitar a existência do aparato de extermínio. Percebo que a morte por exaustão era algo natural nesta lógica de exploração. Mesmo que o extermínio em massa tenha ocorrido, deve-se considerar o grande número de mortes que ocorreram pela falta de higiene, de alimento, e das doenças aliadas ao trabalho compulsório.

⁷ Nesse caso, a “eutanásia” era usada para tratar os doentes alemães que possuíam doenças incuráveis. A população alemã também foi alvo dessa prática. Segundo Cytrynowicz, o objetivo desse processo de extermínio era construir a pureza da raça ariana (1990, p. 49). Seguindo esta lógica de eliminação, Bauman (1998, p. 138-140) relata o calculismo frio do governo nazista que implanta “a solução final” para o problema judeu e uma “cegueira” coletiva da população alemã.

⁸ Ver em BÍBLIA Sagrada [...] distribuidora Gideões, SP, 2002. Mateus, 13:24-30.

⁹ Teoria do Geógrafo alemão Ratzel, este conceito destaca que o desenvolvimento dos povos sempre ocorreu pela contínua luta pelo seu espaço vital, que era necessária para que estes povos pudessem desenvolver por completo as suas habilidades. O povo que não conseguisse defender seu “espaço vital” estava fadado a perdê-lo. Ver em MENEGAT, C. *Os pensadores que influenciaram a política de eugenia do nazismo*. Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes. 2008, disponível em: www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem.

de esgotar-lhes as forças. A preocupação da manutenção desta força de trabalho não existia. O trabalho forçado, além de gerar lucros para o sistema, também facilitava o controle, graças ao esgotamento físico; sendo assim, qualquer tentativa de resistência tornava-se inviável. A destruição massiva foi facilitada pela “mecanização” do sistema graças à burocracia do Estado nazista. Os soldados SS¹⁰ cumpriam as ordens de forma sistemática, operando com um distanciamento psicológico do objeto (diga-se dos indivíduos atacados pelo regime nazista), e essa “assepsia” acabava por livrar o operador de culpa. A destruição das características humanas dos prisioneiros pelas condições impostas nos campos de concentração deve ser levada em consideração para a análise da eficiência do processo de eliminação em massa imposto pelo regime nazista.

A lógica de trabalho dos campos de concentração estava gravada no portão de entrada com a frase: “*arbeit macht frei*” (o trabalho liberta). Essa frase simbolizava a lógica de trabalho e da sobrevivência nos campos. Os prisioneiros que trabalhavam melhor ganhavam destaque, conseguindo certas regalias frente aos SS. Essa dinâmica formava homens com uma capacidade de adaptação superior, pois se submetiam, sem pensar, a qualquer trabalho¹¹ que fosse desde que houvesse uma recompensa. O exemplo destacado a seguir demonstra um desses indivíduos: “Elias sobreviveu à destruição externa, porque era fisicamente indestrutível; resistiu à aniquilação interna porque é demente. Ele é um sobrevivente: o mais apto, o espécime humano mais adequado a esta maneira de viver” (LÉVI, 1988, p. 99).

Os prisioneiros que não tinham esta capacidade de trabalho, devido ao esgotamento, à fraqueza física ou à doença, eram um verdadeiro perigo para a sobrevivência dos seus colegas. Assim, um dia de trabalho com um companheiro de saúde inferior significava a morte. Os prisioneiros debilitados (fisicamente e mentalmente) eram denominados como “muçulmanos¹², pois não tinham a possibilidade de sobrevivência, por estarem muito fracos para trabalhar. O termo “muçulmano” significa aquele que se submete voluntariamente à “vontade divina” e tem origem árabe. No contexto do campo, essa “vontade divina” podia ser a ordem de um superior ou de um preso mais forte. Esses indivíduos haviam perdido o desejo de viver e a morte era algo inúmeras vezes desejado, por isso não tentavam sobreviver como o restante dos prisioneiros. As suas condições físicas adversas os colocavam em desigualdade com os demais prisioneiros, sendo alvos fáceis de trapagens, roubos e extorsões porque não tinham condições de reagir. Por esse motivo, viviam apenas das suas rações, sem roubar alimento ou se esconder dos trabalhos mais pesados. Os “muçulmanos” eram vistos como os próximos a “virar fumaça” pelos prisioneiros mais velhos que diziam que esta era a única forma de sair do campo, era a chaminé (LÉVI, 1988, p. 27).

¹⁰ Abreviatura de *Sturmstaffeten*, primeiramente unidade paramilitar do Partido nazista. Com a chegada de Hitler ao poder, ganhou destaque era controlada por Himmler, e era responsável pela gestão dos campos de concentração. Ver CALIC, E.. *O império de Himmler*. RJ. Expressão Cultural, 1968.

¹¹ Essa atividade poderia ser lícita ou ilícita, não importando o que fosse. O importante era garantir a sobrevivência, não importando a que preço.

¹² Termo muçulmano do Árabe *muslim*, que significa aquele que se submete incondicionalmente à vontade de Deus, referência retirada de AGAMBEM, G. *O que resta de Auschwitz*. SP: Boitempo, 2008. Outra característica a ser destacada é a forma estética destes indivíduos que eram extremamente magros e barbudos. Com um aspecto de doença algo que no momento da seleção dos aptos e os que deveriam ser eliminados os prejudicava. Ver em Lévi, P. *Isto é um Homem?* Rocco: SP, 1988. p. 88; e em FRANKL, V. *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. Petrópolis: Editora Vozes, 1991. p. 14-15.

Além da violência física que ocorre pelo próprio trabalho compulsório ou pela violência dos próprios guardas SS e dos Kapos¹³, existe também o impacto psicológico frente às condições inconcebíveis de sobrevivência. Os “muçulmanos” são o símbolo máximo da lógica enlouquecedora do trabalho dentro dos campos de concentração. No estado avançado de esgotamento em que esses indivíduos se encontravam, só restava esperar a morte. Os próprios prisioneiros nem os consideravam homens, eram vistos como uma massa disforme que se arrasta a caminho da morte, sem ser notada. Para Bauman (1998, p. 110): ou o indivíduo se adapta aos novos padrões ou sucumbe a eles, ou nas suas próprias palavras “a existência agora está reconhecidamente cada vez mais de acordo com os princípios que governavam a vida e a morte em Auschwitz”. Assim, cabe lembrar que tais princípios negam a essência do que entendemos como humano, logo a narrativa de Primo Lévi encena a luta de um ser humano que tenta manter a sua sanidade e a sua humanidade em um local que o condiciona a uma vivência desumanizada.

2.1 A violência e a incapacidade de aceitar a realidade

Dentro dos campos de concentração a banalização da violência era algo comum e fazia parte da sua lógica de funcionamento. Logo na chegada, no último momento de contato com os entes queridos, essa violência já se fará presente graças à demora de alguns na despedida. Para Primo Lévi (1988, p. 18), já é algo rotineiro e faz parte do trabalho dos guardas SS dar socos, chutes ou pisotear algum prisioneiro. Para Arendt (1969, p. 21): “a violência irreprimível é o homem recriando a si próprio e através da fúria louca, os desgraçados da terra tornam-se homens”. Os atos realizados pelos guardas SS demonstram a superioridade do agressor frente ao agredido. Para Arendt (1969, p. 22), as manifestações de força e agressividade são demonstrações de poder, que é utilizado para subjugar os demais frente a sua vontade. Essa afirmação no contexto dos campos de concentração pode ser ampliada para todo o seu aparato coercivo e exploratório. Para Bauman (1998, p. 122), “a violência tornou-se uma técnica e, como todas as técnicas, é livre de emoções e puramente racional”.

Para sobreviver às condições adversas impostas pelo regime concentracionário era necessário adaptar-se a sua lógica de funcionamento e a toda a sua hierarquia. O autor Primo Lévi relata que sofreu todas as humilhações possíveis dentro dos campos de concentração. Nesse contexto não existem limites, há a necessidade de se manter vivo e enfrentar as dificuldades inerentes ao convívio humano irracional. Devido a isso, os valores éticos e morais se dissolvem na luta pela sobrevivência. A convivência racional humana é uma condição social imposta pela sociedade e pelos grupos que a compõem. Assim, todo o indivíduo ao nascer começa a ser moldado para viver conforme estas “regras” que são formadas pelos hábitos da sua família, pelo grupo social que ele frequenta e pelo Estado. Esses hábitos cotidianos e tão únicos a cada indivíduo fazem parte da sua vida e da sua identidade. Na lógica concentracionária, isso foi arrancado sem um motivo aparente, agora se perdeu tudo, a família, os amigos, o contato com o mundo, e o pior: vive-se na constante incerteza do amanhã. A cada dia o indivíduo presencia a morte dos seus companheiros de cárcere, o que faz com que perceba a proximidade da sua própria. Agora, temos

¹³ Prisioneiros de destaque não judeus que exerciam trabalhos privilegiados e de comando em algumas atividades do campo de concentração.

o quadro perfeito do que é o convívio irracional, os indivíduos nessas condições estão desprovidos de passado, sem expectativas de futuro e com um presente tensionado pela ação alheia.

A falta de perspectiva de futuro transformava os homens em meros animais de tração, trazendo à tona toda uma irracionalidade. Esses homens não pensam, não lembram, nem projetam; apenas se focam no aqui, no agora e no trabalho que os leva à exaustão e à morte. Eles tendiam a evitar lembrar o seu passado, sua família, sua vida e, com isso, acabavam ficando desprovidos de esperança e de futuro. Essa lógica imposta pelo campo se encaixa no que é trabalhado por Catroga, quando este fala sobre a vivência temporal:

Ainda que somente os indivíduos, possam recordar a interiorização da alteridade que permite detectar a existência de uma analogia entre a estrutura subjetiva do tempo (presente-passado, presente-presente, presente-futuro) e a que passou a conferir sentido a vida coletiva (2001, p. 18).

Dentro do campo de extermínio, os homens perderam esta capacidade de fazer a relação presente-passado, presente-presente e presente-futuro, que é explorada por Koselleck como os “campos de experiência” (o que o indivíduo viveu) e os “horizontes de expectativas” (o que ele estabelece como meta, a partir da sua vivência) (2006, p. 308). Os homens presos no campo de concentração não relativizam os fatos vividos no presente, não os transformavam em passado, porque o “medo” estava sempre presente, sendo assim, não criavam expectativas de futuro, pois não tem esperança. Esta passagem do livro “É isto um homem” de Primo Levi relata as perguntas feitas pelos recém-chegados ao campo e a ironia dos mais velhos:

Esta será, então, a nossa vida. Cada dia, conforme o ritmo fixado, *Ausrücken e einrücken*, sair e voltar; trabalhar, dormir e comer; adoecer, sarar ou morrer... Até quando? Os velhos habitantes do campo riem desta pergunta: uma pergunta na qual se reconhece os recém-chegados. Riem e não respondem: para eles o problema do futuro longínquo foi se apagando, perdeu a intensidade, perante aos problemas do futuro imediato, bem mais urgentes e concretos: como o que a gente comerá hoje, se vai nevar, se vamos ter que carregar carvão (LEVI, 1988, p. 34, grifo do autor).

O testemunho de Lévi traz à tona todos os seus medos e suas aflições demonstrando o processo de destruição do homem. Chegando ao ponto destes medos e aflições desaparecerem e a morte torna-se visão de alguns prisioneiros como um descanso. Todos os objetos que poderiam ligar os indivíduos ao mundo além do campo de concentração foram arrancados logo na chegada. Esses vestígios do passado, que poderiam servir de “âncoras” de identidade, se perdem em um mar de desespero. A perda desses pequenos objetos para o autor representa o roubo da própria humanidade e esta lógica está presente no trecho a seguir:

Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar; Nada mais é nosso: tiraram de nós as roupas, os sapatos; se falamos não nos escutarão se

escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós forças para tanto, para que, além do nome sobre alguma coisa de nós, do que éramos (LÉVI, 1988, p. 49).

Nessa passagem, o autor destaca que as características identitárias que os distinguiam como indivíduos foram destruídas, transformando-os em uma massa uniforme. O que ocorre é a destruição da identidade individual e, ao mesmo tempo, das representações que os ligava com o seu passado coletivo. Assim surge a impossibilidade da manutenção das características, das vontades e dos desejos individuais. É necessário um grande esforço para a manutenção da identidade dentro do campo de concentração. Neste ambiente cada ser é um número e nada mais, todos são iguais, nada os diferencia. Todos lutam pela sobrevivência, não importando o preço desta luta. A tentativa de se manter “humano” em condições adversas será questionada por Bauman (1995, p. 208) quando ele afirma que: “a coisa mais cruel acerca da crueldade é que ela desumaniza suas vítimas antes mesmo de destruí-las. É a batalha mais árdua permanecer humano em condições inumanas”.

Dentro dos campos de concentração todos os elos de identidade dos prisioneiros eram retirados. Primo Lévi neste parágrafo retrata a ligação afetiva com a materialidade:

Mas que cada um reflita sobre o significado que se encerra mesmo em nossos pequenos hábitos de todos os dias, em todos os objetos nossos, que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado. Essas coisas fazem parte de nós e são algo como os órgãos de nosso corpo; em nosso mundo é inconcebível perdê-las, já que logo acharíamos outros objetos para substituir os velhos, outros que são nossos porque conservam as nossas lembranças (LÉVI, 1988, p. 25).

Essa passagem demonstra a ligação memória-objeto, em que o objeto tem seu papel evocador, além disto, o valor dado ao objeto estará intimamente ligado ao fator sentimental, mesmo que inúmeras vezes a tendência seja ressemantizá-lo, este não perde valor, apenas ganha novo significado.

Essa reconstrução da memória ocorre de duas formas, segundo Catroga (2001, p. 5): a primeira é a *anamese* – uma memória involuntária, evocada por um objeto ou algo reativo a esta memória; a segunda é a *mneme* – a memória voluntária, que se faz presente sem este recurso. Em uma determinada parte do livro, Lévi resgata uma lembrança que é evocada por *anamese*: “Entreolhamos-nos de uma cama a outra: sentimos todos que esta música é infernal... Elas estão gravadas em nossas mentes e serão a última coisa a ser esquecida: são a voz do campo, a expressão sensorial da sua geometria da loucura...” (1988, p. 127) Nessa citação ficam explícitas as inúmeras formas que a memória pode adquirir. A música evoca uma determinada memória, que remete o autor ao campo de concentração e a seus companheiros. Nesse contexto, as estruturas de valores éticos e morais que são passados em parte pela família fazem parte das estruturas de memória sendo repassadas como uma forma de herança. Esse conjunto de memórias herdadas servirá de base para que o indivíduo desenvolva um sentimento de pertencimento, um aspecto de continuidade, criando uma identidade com o grupo. A perda dessas estruturas leva ao rompimento dos “elos” de identidade

e sucessivamente ao desmantelamento da memória, a quebra da identidade, e ao estranhamento, fazendo com que o indivíduo se torne estranho ao grupo a que pertence e a si próprio.

O próprio Lévi se percebeu como desumanizado, coisificado, sentindo repugnância de sua imagem, vendo os alemães encarregados do campo (limpos, bem alimentados, saudáveis) como seres sobrenaturais (1988, p. 145). Nos seus relatos se compreende que a humanidade, frente à realidade imposta pelos campos de concentração, se tornou algo anormal. Formaram-se jogos de alteridade, onde o que “sou” se constitui em contraponto daquilo que “não sou” em relação ao “outro”. Esse exercício forçado de comparações possibilita uma nova identificação e a construção da identidade de um “não homem”, “não humano”. Esses exercícios deixam em evidência uma das principais características da formação da identidade, a alteridade, que se estabelece pelo que sou em contraponto com o que não sou.

2.3 Como lidar com o trauma

No seu livro, Lévi trabalha com as memórias e “lembranças” do tempo em que ficou preso em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Entretanto é no prefácio da sua obra que ele declara os motivos que o levaram a escrever:

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior (LÉVI, 1988, p. 2).

A obra de Primo Lévi tem uma finalidade “terapêutica”, pois as memórias não são simples lembranças, mas, se transpõem em “um passado que não quer passar”, em uma memória traumática, que sempre esteve presente na memória do autor. Para a autora Helenice Rodrigues:

O impedimento e a tendência compulsiva de repetição do traumatismo, por parte de um paciente é feito por meio de “trabalho de lembrança” cuja cura se dá pelo ato da transferência. Ao contrário do trabalho de luto se opõe a tendência autodestrutiva da melancolia; esse “esquecimento” consiste no despreendimento de um objeto perdido (de amor ou ódio) (2000, p. 440).

Além da dificuldade de desenvolver o trabalho de luto, há a permanência do fato que é vivenciado como algo que está vivo, que é reconstruído como trauma. Com isso, não ocorre a reconstrução deste passado como memória, pois, ocorre a constante presença do fato, porque ele não se tornou uma lembrança¹⁴ e manteve-se como trauma. Paul Ricouer fazendo referência a Freud definirá o trauma como:

¹⁴ Lembrança está intimamente ligada com a recordação de algo, mas no caso dos eventos traumáticos não existe lembrança e nem reconstrução do passado porque este ainda é parte do presente e por isso não pode ser lembrado.

Designa compulsão a repetição, como o obstáculo maior ao progresso da cura psicanalítica e, antes do mais, ao trabalho de interpretação, o que ele diz nesta ocasião da repetição é notável: o paciente repete em vez de se lembrar. Qualquer coisa, pois, tomou o lugar – em vez – da lembrança esperada (RICOUER, 2005, p. 38).

No processo de reconstituição das memórias traumáticas não há reinterpretação, pois não ocorre o esquecimento, como afirma Halbwachs (1990, p. 32): “esquecer um período da vida é perder o contato com aqueles que então nos rodeiam”. Mas, no caso dos testemunhos traumáticos, isso não ocorre porque não se tem a perda de contato com esse passado. O sobrevivente de um evento traumático não se aceita, ou seja, não realiza uma das primeiras necessidades do trabalho de luto, o perdão. Ricouer (2005, p. 5) destaca que há uma carga moral de dívida que impossibilita o perdão: a vítima de um evento traumático não aceita o passado como um fato que não pode ser alterado. O sobrevivente não faz o “acerto de contas” com esse passado, pois não é capaz de reinterpretá-lo, sendo assim o fato não se transforma em lembrança. Essa incapacidade de esquecer faz com o evento traumático não se torne “passado”.

O testemunho do trauma é algo de difícil análise pela sua essência como uma “experiência limite”. Isso fica visível no relato Primo Lévi (1988, p. 20) que, na sua chegada, se questiona: “Aqui é o inferno?”. Claro que ao longo do livro perderá essa dúvida, tendo em vista que ir para o inferno é morrer. Podemos afirmar que voltar desse ambiente extremamente hostil é como “voltar dos mortos”, ressuscitar, voltar à vida, mas, trazendo consigo as memórias do inferno, sendo que essas são **“um passado que não quer passar”¹⁵**, assim, o escritor enfrenta a culpa por ter sido agraciado com o retorno a vida. O homem nunca estará preparado para enfrentar a morte e muito menos para vencê-la. O inferno é a condenação eterna ao sofrimento, à dor e ao martírio. A memória traumática pode ser vista como um resquício dessa, em essência, a própria condenação eterna. Nesse sentido, a culpa é o reconhecimento de um “pecado”, mesmo que as circunstâncias que levaram o indivíduo ao “inferno” não indiquem que ele tenha pecado: a culpa permanece, pois, lá estando ele pecou e reconhece.

A partir desta análise, prevalece a impossibilidade de realizar o desejo do enlutado de voltar ao fato e trocar de lugar com os que sucumbiram às condições severas, das quais ele sobreviveu. O sobrevivente se vê como uma dívida que não tem como ser paga. Como destaca o autor Primo Lévi, o testemunho é construído “com a finalidade de liberação interior (1988, p. 2)”. Uma liberação que o próprio sobrevivente não se permite, porque ele mesmo não se aceita como vítima, ele se percebe como “carrasco”, pois, na luta pela sobrevivência, foi desleal.

Considerações finais

O testemunho de Lévi demonstra como a lógica dos campos de concentração era capaz de destruir o ser humano. O próprio autor deixa claro que em muitos momentos não se reconhecia

¹⁵ LÉVI, 1988, p. 20, grifo do autor. Ver em BRUHNS, Hinnerk, Passado que não quer passar. *Revista correio da Unesco*, 1990. p. 4-9

como homem. As condições desumanas fizeram com que ele perdesse a esperança, tornando-o incapaz de projetar um futuro. Essa incapacidade fez com que ele não se aceitasse como sobrevivente e tal condição demarca os testemunhos do Holocausto. Lévi demonstra em seu relato a incompreensão dos motivos pelos quais sobreviveu, já que cometeu tantos erros, e fez tantas coisas que se arrependeu. O escrito testemunhal de Primo Lévi é um ato de reflexão sobre o luto, o perdão e o perdão para um homem que sente culpa pela sua sobrevivência.

A memória traumática segue uma lógica composta de esquecimento e lembrança. Essas só constituem memórias quando no presente são reconstruídas. No relato traumático de Primo Lévi essa lógica não se faz presente, pois ele ainda não havia constituído lembrança desse evento traumático. Durante toda a obra *É isto um Homem?*, o autor não relata os desafios vividos pelos sobreviventes dos campos de concentração. Primo Lévi apenas mantém dúvida sobre os motivos da sua sobrevivência. Também demonstrou ainda estar preso à lógica de Auschwitz (LÉVI, 1988, p. 11) “*Infin che um giorno senso non aurà più dire: domani* (Até que um dia, dizer amanhã, terá sentido algum)”. Lévi tentou seguir sua vida, mas se manteve atormentado pelos “fantasmas do passado”, e talvez o seu “suicídio¹⁶” em 1987 reforce ainda mais esta afirmação. Elie Wiesel, escritor e sobrevivente de Auschwitz, nos dá a pista para compreender a complexidade dos relatos testemunhais do Holocausto, pois, quando o mesmo soube da morte de Lévi, afirmou que “Primo Lévi morreu em Auschwitz quarenta anos depois”. Ou seja, ele nunca deixou o campo de concentração, tendo em vista que suas memórias ainda o aprisionavam.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Cia da Letras, 1999. <https://doi.org/10.5433/1980-511X.2019V14N1P204>
- ARENDDT, H. **Da violência**. De 1969/70. Traduzido por: Maria Cláudia Drummond em domínio público.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória da barbárie: a história do genocídio dos judeus na segunda guerra mundial**. São Paulo: Ed: Nova Stella, 1990.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Primeira edição. Coimbra-Portugal: Ed: Quarteto, 2001.
- CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. <https://doi.org/10.15848/hh.voi23.1127>
- CARR, E. H. **Que é História**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- DA SILVA, Helenice Rodrigues. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000200008>
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

¹⁶ A sua morte é uma incógnita, muitos biógrafos afirmam que ele cometeu suicídio. O que se sabe é que ele caiu no poço do elevador do seu prédio. Se isto foi premeditado ou acidental é uma dúvida.

HALBABWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice,1990.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991**. Trad. SANTARRITA, Marcos. São Paulo: Companhia das Letras,1995.

LÉVI, Primo. **É Isto um Homem?** São Paulo: Editora Rocco, 1988.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC Rio, 2006.

POLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOUER, Paul. O perdão pode curar *In*: HENRIQUES, Fernanda (org.). **Paul Ricoeur e a Simbólica do Mal**. Porto: Edições Afrontamento, 2005. p. 35-40.

SELIGMANN-SILVA, M. (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. São Paulo: Escuta, 2003.

VIDAL-NAQUET, P. **Os assassinos da memória**. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Editora Papirus,1988.

WIEVIORKA, Annette. **L'ère du témoin**. Paris: Hachette Littératures, 1998.

Recebido em: 6/3/2019.

Aprovado em: 14/8/2019.

Cássio Michel dos Santos Camargo

Endereço postal:

Av. Paulo Gama, s/n, Bairro Farroupilha - Prédio 12201 –

Porto Alegre/RS - Brasil

CEP: 90046-900